



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

JOÃO VICTOR SILVA DUARTE

**O impacto do projeto Palavra-Corpo na construção identitária de
estudantes negros/as do curso de Letras da UFPB: relato de uma
experiência extensionista**

João Pessoa

2024

JOÃO VICTOR SILVA DUARTE

**O impacto do projeto Palavra-Corpo na construção identitária de
estudantes negros/as do curso de Letras da UFPB: relato de uma
experiência extensionista**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras, do Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes, da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Letras –
Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Franciane
Conceição da Silva

João Pessoa

2024

JOÃO VICTOR SILVA DUARTE

**O impacto do projeto Palavra-Corpo na construção identitária de
estudantes negros/as do curso de Letras da UFPB: relato de uma
experiência extensionista**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa, da Universidade Federal da
Paraíba — UFPB, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Letras – Língua Portuguesa.

Avaliado em ____/____/____

Prof^ª. Dr^ª. Franciane Conceição da Silva (UFPB-DLCV)
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB-DLCV)
(Examinadora)

Prof. Dr. Valnikson Viana de Oliveira (PPGL – UFPB)
(Examinador)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB-DLCV)
(Suplente)

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D812i Duarte, Joao Victor Silva.

O impacto do projeto Palavra-Corpo na construção identitária de estudantes negros/as do curso de Letras da UFPB: relato de uma experiência extensionista / Joao Victor Silva Duarte. - João Pessoa, 2024.
61 f. : il.

Orientadora : Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Literatura de autoria negra. 2. Projeto de extensão Palavra-Corpo. 3. Educação afro-brasileira. 4. Pretagogia. 5. Antirracismo. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 37:82(81:6)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço as minhas divindades, que fizeram com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos, principalmente, nesse percurso final da graduação.

Juntamente aos seres divinos, agradeço aos seres terrestres que estão sempre ao meu lado me incentivando, cuidando de mim nos momentos difíceis, que compreendem o quanto importante é para mim toda trajetória acadêmica que realizei e que ainda irei realizar, são elas: minha mãe, Cristina Cleide, minha avó, Maria das Graças, minha tia-avó, Jalva Fernandes, minha tia, Juliana Karla, e sua filha - minha prima de 9 anos-, Lara Luiza. Alguns homens também fazem parte de minha criação, como: meu pai Samuel Duarte, a quem sou grato por tanto amor, meus tios Emmanuel e Plínio, a quem sou grato por tantos ensinamentos.

Sou imensamente grato por ter em minha vida uma Professora e amiga, como a minha orientadora, Profa. Dra. Franciane, mais conhecida como Francy, que faz questão de mostrar que é possível uma nova experiência universitária e acadêmica, onde o cuidado e o laço com o outro prevalece - você chegou como uma luz no fim do túnel. Dessa mesma forma, quero agradecer por cada pessoa que passou e que está no Projeto Palavra-Corpo, do qual eu tenho orgulho de ser um dos construtores e, principalmente, militante.

Sou grato pelas fortes amizades que construí durante esses anos: Maria Eduarda, Mércia Paiva, Daniel Ferreira, Caio Dornelas, Thayse Silva, Jéssica Cardoso, Yve Leão, Luciano Galdino, Pedrinho, Wesley, Addison, Thiago Alcântara, Marcela Penna, Larissa Cariri, Marianna, Grazi Coutinho, Anna Luiza, Diego França, e tantas outras pessoas a quem nutro carinho.

Quero aqui também agradecer a minha turma de amigos e amigas que entraram comigo no período de 2017.2, nas pessoas de Nayara Aguiar, Giulliana, Jorge, Lilian, Mariana, Tamirys, Letícia e Ana Roxelly, Pedro Lilo.

Por fim, agradeço à banca examinadora, Profa. Amanda Ramalho e Prof. Valnikson Viana, por terem aceitado o convite para avaliarem o meu trabalho com tanta competência, afetividade e compreensão.

A todos, todas e todes, um grande abraço!

“Sou Professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber...”

(Paulo Freire)

“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez os sonhos dos menino?

(Luz Ribeiro)

RESUMO

O presente trabalho observa, analisa e descreve práticas antirracistas na promoção do acesso à literatura negra brasileira, bem como os impactos da relação dos(as) estudantes de graduação com o Projeto de Extensão “Palavra-Corpo: a Literatura como estratégia de enfrentamento à violência contra a mulher” (UFPB). Sob o suporte teórico-metodológico de Gil (2002) esta pesquisa é de cunho documental-qualitativa, alinhado com intelectuais como: Paulo Freire (2013), para trilhar uma educação emancipatória; Sandra Haydée Petit (2015), nos guia sob à luz da cosmovisão africana; hooks (2020) a partir de uma educação transformadora pelo afeto; Rufino (2021) nos ampara para descolonizar os saberes. Com isso, trabalhamos a formação identitária ao longo das atividades do projeto, no período de 2021, vinculado ao programa UFPB NO SEU MUNICÍPIO (PROEX), da Universidade Federal da Paraíba, com os(as) estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, situada no município de Santa Rita, na Paraíba. Cumprimos a aplicação da Lei 10.639/03. Expõe documentos produzidos pelo projeto em 2021. Em resolução, apresenta-se graduandos(as) apropriados(as) de uma formação que permite transformar o espaço escolar e emancipar alunos(as). Nesse sentido, é crucial dar destaque às Leis 10.639/03 e 11.645/08 na formação de professores/as, considerando as cosmovisões africanas e indígenas nas práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem para a construção de uma sociedade decolonial.

Palavras-chave: Literatura de autoria negra; Educação afro-brasileira; Projeto de Extensão Palavra-Corpo; Pretagogia; Antirracismo.

ABSTRACT

This study observes, analyzes, and describes anti-racist practices in promoting access to Brazilian Black literature, as well as the impacts of undergraduate students' relationship with the Extension Project "Palavra-Corpo: Literature as a strategy to confront violence against women" (UFPB). Under the theoretical-methodological support of Gil (2002), this research is documentary-qualitative, aligned with intellectuals such as Paulo Freire (2013) for pursuing emancipatory education; Sandra Haydée Petit (2015) guiding us under the light of the African worldview; hooks (2020) advocating for transformative education through affection; Rufino (2021) supporting us in decolonizing knowledge. We address identity formation throughout the project activities in 2021, linked to the UFPB IN YOUR MUNICIPALITY program (PROEX), from the Federal University of Paraíba, with high school students from the Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho State School, located in Santa Rita, Paraíba. We fulfill the implementation of Law 10.639/03. It presents documents produced by the project in 2021. In conclusion, it presents undergraduates appropriating a formation that enables transforming the school space and emancipating students. In this sense, it is crucial to highlight Laws 10.639/03 and 11.645/08 in teacher training, considering African and Indigenous worldviews in teaching-learning pedagogical practices for the construction of a decolonial society.

Keywords: Black-authored literature; Afro-Brazilian education; Palavra-Corpo Extension Project; Pretagogy; Anti racism.

SUMÁRIO

1. CHEGANÇA INTRODUTÓRIA	10
2. TRANÇA METODOLÓGICA	14
3. ESPIRAIS DO TRABALHO E AS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008	18
3.1 Formação da roda dos saberes	23
3.2 Das oficinas: a ginga dos saberes	33
3.2.1 Primeira ginga	35
4. ESCRIVIVÊNCIAS	46
Relato 1, Y. L:	46
Relato 2, M. R:	47
Relato 3, M. E:	48
Relato 4, L. G:	49
5. ESPERANÇAR RESULTANTES	51
6. CIRCULARIDADES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXO A	

1. CHEGANÇA INTRODUTÓRIA

A promoção da descolonização do saber, como delineada por Costa e Dutra (2009), emerge como um precursor crucial na batalha contra o racismo estruturante da sociedade em que somos criados. Entender isso é um passo primordial, especialmente considerando que a formação pessoal dos sujeitos é amplamente moldada no ambiente escolar. Consequentemente, a escola assume um papel de destaque na superação do racismo e das desigualdades raciais. No entanto, apesar de ser teoricamente o local ideal para a discussão e desconstrução dessas questões, Domingues (2005) argumenta que o que prevalece é um tipo de racismo sutil, dissimulado e velado, porém altamente eficaz, dentro desse contexto.

Essa observação enfatiza a persistência de estruturas e atitudes arraigadas que perpetuam a marginalização e a discriminação racial, mesmo dentro de instituições que deveriam ser bastiões da equidade e inclusão. Nesse sentido, a urgência de confrontar e enfrentar esse racismo dissimulado torna-se ainda mais premente. A partir das reflexões do mundo colonialista versus a descolonização, o doutor em Educação Luiz Rufino (2021) nos afirma que se uma Educação promove a conformidade, estimula pensamentos universalistas como se houvesse homogeneidade entre as/os sujeitos, e se esta Educação está empenhada em disseminar um caráter civilizatório, ela está a serviço daqueles que pertencem a classe dominante - logo, este jamais será um modelo de Educação libertadora. Rufino nos levanta, em sua obra, a seguinte questão: Qual é a tarefa da educação no contexto em que estamos lançados perante um processo civilizatório que, historicamente, esmaga os sonhos de uma sociedade mais justa, onde a diversidade de sujeitos, culturas e formas de viver em harmonia possam existir?

Justamente em busca de caminhos que possamos trilhar, fomentar e promover experiências que possibilitem viver o radical processo de descolonizar o corpo e a mente, pois, a Educação deve ser dialógica: conforme Rufino (2021), enquanto nos entregamos, reconhecemos que somos singulares, com histórias vividas intransferíveis, e com essas relações, podemos nos conhecer melhor, encontrar a nossa liberdade, nutrir esperança e curar-nos. Nesse sentido, iniciativas que buscam enfrentar problemáticas sociais enraizadas e sensibilizar a sociedade é fundamental para estimular mudanças significativas nos atos e nas relações. Com isso, o projeto de extensão Palavra-Corpo: "A literatura como estratégia de enfrentamento à violência contra a mulher" surge como uma resposta a esse desafio. No atual cenário brasileiro, a violência contra a mulher é uma realidade alarmante e

persistente, permeando todos os estratos sociais e regiões do país. Sabe-se que há uma deficiência de acesso à literatura brasileira na formação de estudantes da Educação Básica, especialmente quando trata-se de Literatura Brasileira de autoria negra, devido a formação de professores/as de Língua Portuguesa que passaram o período de Graduação sem serem obrigados/as a conhecer e estudar obras literárias de autores/as negros e negras, da mesma forma que são impostos/as a um modelo de estruturação curricular que, até alguns anos, ignorava as literaturas que não fizessem parte do cânone composto por uma maioria de homens brancos e héteros.

Nesse sentido, o projeto coordenado pela professora, pesquisadora e doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, Franciane Conceição da Silva, visa promover o acesso à literatura, especialmente obras produzidas por escritoras afro-brasileiras, que não apenas enriquecem culturalmente, mas têm como propósito principal a utilização da literatura como uma poderosa ferramenta no combate à violência dirigida às mulheres. O âmago deste projeto reside na leitura e análise de obras literárias produzidas por escritoras afro-brasileiras, que denunciam as diversas facetas da violência, tanto física quanto simbólica, enfrentada pelo público feminino em nossa sociedade, assim como consta no registro oficial do projeto Palavra-Corpo, disponível para consulta no portal público do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA)¹: “As vítimas dessa violência são, em sua grande maioria, jovens entre 15 e 29 anos, sendo que, na maior parte dos casos, principalmente na faixa etária dos 20 aos 59 anos, a violência é praticada pelo cônjuge. De acordo com o Atlas da Violência 2021, a Região Nordeste é a que apresenta o maior índice de violência contra a mulher, sendo que o estado da Paraíba é o segundo mais perigoso para as mulheres a nível nacional, perdendo apenas para Roraima” (Sigaa, 2024).

A escola, dentre as diversas instituições sociais, emerge como uma das mais confiáveis para a população brasileira. Através dela, a maioria das pessoas tem acesso ao conhecimento sistematizado, bem como à transmissão de valores, normas de conduta e modos de pensar. A princípio, a escola é frequentemente percebida como neutra ou mesmo redentora, no sentido de desfazer as desigualdades sociais existentes. Como afirma Paulo Freire (1989), o mito da neutralidade sobre a educação permite a negação da natureza política no processo educativo e o concebe como uma atividade desprovida de um planejamento de ordem sistematizada.

¹ <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/>

Tendo isso vista, durante as discussões a partir das minhas observações e análises em meio aos capítulos, iremos também delinear os caminhos metodológicos da pesquisa a partir da observação sobre a efetividade da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece a obrigatoriedade da inclusão da temática da Educação das Relações Étnico-Raciais, da História da África e da Cultura Afro-brasileira no currículo da Educação Básica, e a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores/as (licenciaturas). Ambas as Leis foram sancionadas pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, nos anos de 2003 e 2008, respectivamente. O objetivo das Leis é efetivar as determinações legais presentes no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996).

Historicamente, o ensino básico brasileiro construiu um enredo sobre a trajetória dos povos africanos em diáspora e indígenas que foram explorados, escravizados e assassinados pelos colonizadores, na intenção de promover todos os tipos de ideias estereotipadas e marginalizadas sobre os diversos povos indígenas, africanos os seus descendentes espalhados pelo país. Por sua vez, o processo de reconhecimento identitário e consciência de pertencimento para as populações pretas e negras que atravessa pelo processo de colonização, que assassinou não apenas povos, mas, vários mundos. Como nos diz o pedagogo Rufino (2021), os praticantes de um mundo contrário ao colonialismo, lutam todos os dias com as suas experiências, seus saberes e as tecnologias ancestrais que emanam da diversidade de ser, sentir e vibrar. É um processo angustiante na maioria esmagadora da sociedade, e o ambiente escolar, em regra, participa desta grande engrenagem de perpetuação do racismo, como afirma a intelectual Isabel Aparecida Santos (2001, p. 106):

A discriminação racial não é um problema da criança negra, mas uma oportunidade de crianças negras e não negras se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação, que tenham impacto em suas vidas e na sociedade como um todo. Assim tratar da discriminação racial em ambiente escolar negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido.

O capítulo 3, intitulado Trança Metodológica, tem como finalidade elucidar para o(a) leitor(a) quais foram os métodos utilizados para a realização desta pesquisa, como foram tra(n)çadas as questões dos problemas, dos objetivos e das ações com os instrumentos teórico-metodológicos. Em seguida, o capítulo 4 Espirais do Trabalho e Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, discorro acerca do campo de atuação do projeto Palavra-Corpo na Escola Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho em alinhamento com as minhas observações, inquietações perante as problemáticas, e como as Leis que obrigam o ensino de literatura e história afro-brasileira e indígena permeiam o presente trabalho. O subcapítulo 3.1 Formação da Roda de Saberes, diz respeito ao momento em que nós, enquanto integrantes do projeto, somos imersos em uma série de encontros de formação pedagógica, que nos guiarão para que possamos construir possibilidades com o projeto. No tópico seguinte, 3.2 Das Oficinas: a ginga dos saberes, estão relatadas todas as nossas atividades presenciais com os/as estudantes da escola Francisco Leocádio.

Considero elementar, informar que, os títulos dos capítulos foram escolhidos por mim sob à luz de algumas obras como da intelectual Sandra Petit, que nos convida a pensar no movimento circular - a circularidade dos saberes perpassados historicamente pelos povos afro-ameríndios, igualmente, penso na palavra ginga como um movimento do corpo que se elabora de modo também circular, e por fim, o capítulo em que dou o título Escrivência em homenagem à majestosa intelectual, escritora, poeta Conceição Evaristo, onde estão relatos pessoais de participantes-integrantes do projeto.

Sabendo, que é de suma importância agirmos perante as problemáticas em questão, o propósito deste estudo é traçar caminhos de investigação, discussões e análises sobre as potencialidades do projeto Palavra-Corpo, suas atividades enfocadas em envolver a todos, todas e todes na construção de relações étnico-raciais engajadas sob a luz de uma educação engajada e emancipatória que promova a afro-afetividade, a circularidade, a oralidade das experiências vivenciadas, como nos ensina Sandra Petit, Paulo Freire e bell hooks. Com tudo isso, separei o capítulo 4 para que possamos nessa pesquisa evidenciar o que os/as demais integrantes do projeto, além de mim, puderam experienciar em nossas vivências de formação, oficinas e afins. O objetivo dessa pesquisa é, sobretudo, promover uma reflexão sobre a importância e relevância de propor uma educação que contemple a diversidade étnica e racial durante a formação de professores, através de uma análise das potenciais transformações que podem ocorrer por meio de projetos de extensão universitária.

2. TRANÇA METODOLÓGICA

Neste processo de reflexão e análise, percebo a importância crucial de valorizar a literatura e o ensino a partir das obras afro-brasileiras como elementos essenciais na minha formação como educador. Ao longo do desenvolvimento deste estudo, fui construindo o método de pesquisa de forma gradual. Inicialmente, decidi adotar uma abordagem documental-qualitativa, buscando embasar minha investigação nas teorias existentes e nas práticas observadas. Contudo, a partir do meu envolvimento com o projeto de extensão Palavra-Corpo, percebi a necessidade de integrar também as experiências práticas advindas desse projeto a minha metodologia de pesquisa. Assim, ao longo do processo, a abordagem metodológica foi sendo moldada e enriquecida com as vivências teóricas e práticas proporcionadas pelo projeto, tornando-se mais abrangente e contextualizada.

Portanto, a presente pesquisa adota o método de análise documental como abordagem metodológica, considerando que os materiais coletados ao longo do estudo ainda não foram submetidos a um tratamento analítico específico para fins de pesquisa científica (Gil, 2002). Os documentos que foram selecionados para análise incluem registros das atividades do projeto, como reuniões pedagógicas, sequências didáticas, escritórios e fotos, além de trabalhos de autores e autores bibliográficos relacionados ao tema em questão. Ainda de acordo com Gil, doutor em Ciências Sociais, que fornece suporte teórico nesse contexto, enfatizando o papel dos documentos como uma fonte confiável e rica de dados para a pesquisa científica. Ao selecionar esse método, o objetivo não é esgotar todas as questões e hipóteses relacionadas aos problemas da pesquisa. Em vez disso, o método visa fornecer uma visão abrangente do problema e permitir a utilização de várias abordagens de pesquisa. Para além disso, é importante que os dados documentais trazidos à pesquisa sejam bem tratados, igualmente como nos elucida a intelectual Alessandra Pimentel:

São descritos os instrumentos e meios de realização da análise de conteúdo, apontando o percurso em que as decisões foram sendo tomadas quanto às técnicas de manuseio de documentos: desde a organização e classificação do material até a elaboração das categorias de análise. (Pimentel, 1991, p. 179)

Outrossim, esta pesquisa carrega um cunho de análise qualitativa e visa estabelecer conexões entre os eventos documentados, os trabalhos dos/as autores/as desenvolvidos e as experiências pessoais, enquanto pesquisador, durante as atividades do projeto Palavra-Corpo. Este método permite uma análise mais aprofundada e contextualizada do acesso dos/as graduandos/as à literatura negra de autoria feminina, bem como dos problemas relacionados ao racismo e outras formas de violência combatidas pelas ações do projeto. O principal instrumento utilizado foi a observação direta dos acontecimentos, conforme preconizado por Gil (2002), o que possibilita uma descrição detalhada dos materiais e vivências, levando em conta os instrumentos e pressupostos teóricos da pesquisa.

Minha participação direta nas atividades desenvolvidas ocorre desde 2020, quando iniciei minha trajetória no projeto Palavra-Corpo, no auge da pandemia da COVID-19. Submeti-me à seleção de bolsista, mas ingressei como voluntário e permaneço nessa função. Quando a nossa Professora Franciane iniciou as reuniões do projeto em 2020, ela nos apresentou os pontos de partida nos quais iremos percorrer, são eles: a brutal realidade de violência contra as mulheres, o racismo, a LGBTQIA+fobia e, não obstante, a deficiência de muitas Escolas Públicas na formação de leitores/as, principalmente leitores/as da Literatura negra brasileira - o que é algo, praticamente, impensável e sem conhecimento dos estudantes do Ensino Básico.

Em 2021, ano da edição ao qual escolhi como principal período de observação e análise das nossas atividades, inscrevi-me novamente no processo de seleção de bolsista, mas, não fui selecionado e me mantive como voluntário. Como faço parte do Palavra-Corpo desde o início, decidi que as minhas investigações de pesquisa serão fundamentadas nas ações empreendidas durante a segunda edição do projeto, no ano de 2021, onde relato as diversas atividades a partir do tópico Roda dos Saberes, juntamente com as minhas experiências no meu processo dialógico do desenvolvimento identitário enquanto pessoa negra, contando ainda com relatos de participantes da equipe do projeto - recolhi esses registros pessoais com a permissão das próprias pessoas que produziram os textos.

Contudo, considero importante relatar em minha pesquisa algumas atividades que ocorreram para além do período ao qual utilizo como recorte da pesquisa, assim como encontros pedagógicos realizados em 2022 e 2023. O presente trabalho de pesquisa, considera em sua construção os métodos aplicados pelo projeto, a seguir, encontra-se o

plano de trabalho proposto pela Coordenadora que está disponível para consulta no portal público do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA)²:

Para a edição do Projeto no ano de 2021, a parceria com a Escola Francisco Leocádio já foi renovada. Os estudantes da escola que participaram do projeto puderam vivenciar a experiência de conhecer textos literários de autoras pouco visibilizadas. Acima de tudo, a partir do contato com a arte literária, os/as estudantes da Escola Francisco Leocádio tornaram-se mais conscientes dos números alarmantes de violências praticadas contra as mulheres, aguçando a sua sensibilidade para esse grave problema social. Neste ano de 2021, assim como na primeira edição do “Palavra-Corpo”, os/as estudantes de graduação participantes do projeto na função de bolsista, voluntário/a ou ouvinte, além de aprofundarem os seus conhecimentos a respeito da Literatura Afro-brasileira de autoria feminina e aprenderem a criar metodologias de ensino para trabalhar com a temática da violência de gênero com estudantes do Ensino Médio, certamente, se tornarão mais conscientes do seu papel como cidadão ou cidadã no combate à violência e todas as formas de opressão. Os conhecimentos adquiridos pelos estudantes de graduação participantes do projeto, poderão ser compartilhados com os seus colegas de turma, podendo estimular discussões profícuas nas aulas de outros docentes, além de serem debatidos em grupos de pesquisa e estudo. Conscientes da importância dessa temática urgente e necessária, os estudantes de graduação participantes do “Projeto Palavra-Corpo” poderão disseminar o conhecimento adquirido em diferentes espaços da Universidade Federal da Paraíba e da sociedade em geral. Além dos resultados obtidos na primeira edição do “Palavra-Corpo”, consideramos que a continuidade dessa ação extensionista é de grande relevância pois nesse segundo ano de atividades, iremos intensificar os debates a respeito da violência contra a mulher, estabelecendo parcerias com instituições como a Secretaria de Estado da Mulher e Diversidade Humana da Paraíba – SEMDH.

Para conduzir esta pesquisa, adotei uma variedade de métodos. Inicialmente, realizei uma análise dos recursos pedagógicos, bem como dos textos literários de autoria negra-feminina que estudamos, tendo como aporte teórico, obras do Mestre da Educação e pernambucano, Paulo Freire (2000), no sentido de refletir e discutir acerca do processo educacional público do Brasil e sobre como a Educação pode ser emancipatória; do Doutor

² <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/extensao/Atividade/lista.jsf>

em Educação e carioca, Luiz Rufino (2021), a fim de trilhar caminhos de descolonização do pensamento e da práxis educacional; busquei trabalhar com a grande intelectual, pedagoga, feminista negra e estadunidense, bell hooks, a partir de suas escritas teóricas sobre uma escola que promova, sobretudo, afetos. Para hooks (2020), quando os/as professores/as promovem um ambiente em que os(as) alunos(as) tenham consciência de seu potencial e valor, trabalham a autoestima; e, por fim, da Doutora em Educação, cubana e Professora da Universidade do Ceará, Sandra Petit (2015), tendo a sua forte contribuição para trabalharmos a Pretagogia a partir dos conceitos de oralidade e circularidade. Em seguida, utilizei as experiências obtidas por meio das atividades realizadas no projeto de extensão como uma fonte valiosa de informações. Especificamente, concentrei-me no impacto de uma abordagem educacional libertadora e antirracista nas relações étnico-raciais na minha formação docente. Nesse contexto, direcionei as investigações desde as formações pedagógicas, caminhando pelos planejamentos até a execução das oficinas pedagógicas realizadas presencialmente na Escola Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, reconhecendo a importância integral desse processo.

3. ESPIRAIS DO TRABALHO E AS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008

Entre o período dos anos 2020 e 2021, foram realizadas duas edições bem-sucedidas do projeto, vinculadas ao Edital "UFPB no seu Município", partindo da parceria estabelecida entre o corpo docente e discente da Escola Estadual Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, localizada na periferia do município de Santa Rita, do estado da Paraíba. Contudo, devido à sua significância social e ao impacto na formação dos estudantes, no ano de 2022, a coordenadora Profa. Dra. Franciane Conceição Silva submeteu o projeto ao Edital PROBEX 2022, e conseguimos ser contemplados com uma bolsa de 1 ano de vigência, a qual fui agraciado e pude, finalmente, exercer a função de bolsista, que se deu no período de 2022 a 2023.

O projeto Palavra-Corpo busca trabalhar estratégias pedagógicas que, por meio da promoção de leitura de materiais literários produzidos por escritoras negras brasileiras, alinhado aos diálogos e discussões sobre as realidades e suas problemáticas a partir dessas obras, aproximam os jovens da literatura afro-brasileira e, conseqüentemente, do exercício do pensamento crítico. Essa iniciativa é especialmente relevante, considerando a ausência histórica da literatura de autoria negra na rotina de estudos da graduação de licenciandos/as, até mesmo da área de Linguagens, o que acarreta Professores e Professoras do EB que não utilizam escritores/as negros/as em suas aulas. Um dos objetivos do projeto é tornar palpável a literatura enquanto um direito de todo ser humano, assim como nos convida a refletir o crítico Antônio Cândido, em sua obra *O direito à literatura* (2012), sobre os direitos à alimentação, à moradia, ao vestuário, à instrução, à saúde, à liberdade individual, à justiça, o direito à crença, ao lazer são irredutíveis, então por que não o acesso pleno ao direito à arte e à literatura?

Além de promover o acesso à literatura, o projeto tem como objetivo construir uma rede de acolhimento para os estudantes, independentemente de sua raça/etnia, para que, por meio do compartilhamento de discussões e experiências vividas, sintam-se pertencentes a um grupo que valoriza e se solidariza com a diversidade do ser, com as múltiplas vivências que carregam. Ao fomentar o diálogo e a reflexão, buscamos estimular que os estudantes desenvolvam uma consciência crítica sobre questões do campo social que os atinge diretamente, como: raça, gênero, classe, sexualidade, contribuindo assim para a construção e realização de uma Universidade engajada em agir, diretamente, para a fomentação de uma sociedade mais justa e equitativa.

De acordo com Candido (2012, p. 19):

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

Com efeito, nos encontramos com diversas missões para lidar no campo da educação tendo a literatura negra brasileira como instrumento de novas possibilidades, e para isso, buscamos efetivar em nossa parceria com a EEEFM Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho nas pessoas de Maria do Carmo Melo, popularmente conhecida como Professora Carminha Melo, que possui formação em licenciatura plena em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com mestrado em Letras, Área de Concentração: Linguagens e Letramentos pela UFPB; e Ronielle Carneiro Claudio, popularmente conhecido como Professor Roni, possui formação em licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela UEPB, dois docentes que firmaram compromisso com o projeto Palavra-Corpo por compreenderem as necessidades urgentes de constituir e praticar ações que promovam mudanças na Educação Pública, e a Extensão Universitária é o elo de comunicação com as comunidades ao redor, pois, de acordo com Freire (1982), o conhecimento não se expande daquele que se julga saber para aqueles que julgam não saber, os conhecimentos são historicamente construídos na relação entre os homens e o mundo, e é aprimorado na análise crítica dessas relações.

Quanto a estrutura física da Escola parceira, diz-se de uma Escola Estadual que não foi, até então, transformada em Ensino Integral assim como as tantas Escolas do estado da Paraíba e, creio que devido a isso, o ambiente ainda é muito precário, com salas de aula simples, com telhados e sem condições para instalação de ar-condicionado. No terreno da escola, há uma quadra esportiva coberta. A precariedade da escola denota a ausência do Estado em oferecer uma estrutura qualificada, de acordo com as necessidades atuais para a formação de jovens cidadãos e cidadãs.

Figura 1– EEEFM Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho



Fonte: Acervo do Palavra-Corpo, 2021

Figura 2– Visão externa da EEEFM Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho



Fonte: Google maps

No entanto, independente dessa questão, a nossa missão é contribuir para a formação de cidadãos e cidadãs que se reconheçam como sujeitos da sociedade a que pertencem, e para isso, é crucial promover estratégias contra-hegemônicas à reprodução das narrativas a partir das histórias eurocêtricas sobre “O que é o Brasil?; O que é o povo brasileiro? Qual a história do povo negro brasileiro?”.

Nesse sentido, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 são motores de uma educação que deve estar comprometida com a descolonização dos saberes, pois estamos falando de um

país que mesmo tendo a maior parte de sua população, segundo o IBGE (2022)³, composta por pessoas pretas e pardas, que juntas representam 55,5%, a formação de ensino básico foi historicamente trabalhada para que os povos negros e indígenas fossem enxergados e tratados como seres folclóricos, desprovidos de capacidades intelectuais, justamente pelo fato de que todos os povos que foram colonizados e escravizados, foram também excluídos de todo o processo de formação da identidade nacional e/ou devidamente pagos com reparações, ao contrário, a desumanização contra os sobreviventes indígenas e contra as descendências africanas perduraram. Para fortalecer o cerne dessa questão, é importante mencionar o que ocorre nas escolas como está descrito por Sandra Petit (2015, p. 157).

[...] é de um total desequilíbrio onde a pessoa fica em média 12 anos na escola estudando apenas a cultura eurocentrada, num contexto em que a mídia, a literatura acessível e os valores de referência, também são eurocentrados e acompanhados de processos de desvalorização, negação e até aniquilamento das contribuições da matriz africana, mesmo sabendo que mais da metade da população hoje se declara negra (preta e parda segundo o - IBGE).

Compreende-se que, quando o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, sancionou as leis que obrigam a introdução nos currículos das escolas públicas e privadas dos ensinos fundamental e médio, a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana foi uma vitória conquistada pelos tantos anos de luta dos Movimentos Negros, em especial o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Movimento de Mulheres Negras, em suas diversas ações mobilizadoras dos debates acerca de uma educação democrática, pública de qualidade, laica e antirracista (GOMES, 2020).

A partir disso, é preciso compreender que só haverá possibilidade de um novo processo de formação que permita às crianças e aos jovens pensar em suas verdadeiras identidades brasileiras, se houver um exercício de descolonização do olhar sobre os sujeitos negros, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como os produzem, assim como afirma Nilma Lino Gomes (2020), soma-se a isto, a inserção da literatura de autoria negra brasileira e indígena nos currículos escolares, é crucial, mas, não pode ser a única via de contato entre os estudantes e a mais diversa cultura negra e indígena, desse modo, faz-se essencial que nós, enquanto Professores/as em formação nos comunicarmos, de forma verdadeira e respeitosa, com as fontes vivas dessas raízes, pois, a Educação é sobretudo um longo percurso de construção de valores, como salienta Gomes (2005) é no campo dos

3

[https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=A%20pesquisa%20revelou%20ainda%20que,1%20mil\)%20se%20declararam%20amarelas](https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=A%20pesquisa%20revelou%20ainda%20que,1%20mil)%20se%20declararam%20amarelas)

valores que deve ocorrer o combate ao racismo e de valorização da população negra na escola. Desenvolver projetos pedagógicos com a comunidade negra, com as ONG'S, movimentos sociais, bem como analisarmos e discutirmos sobre a influência da mídia, das religiões de matriz-africana, a estética, a música, a arte e afins. Para bell hooks (2013), uma educação humanista e emancipatória deve ter compromisso antirracista, anti-homofóbica, bem como Freire também afirma, é preciso reconhecer que cada estudante tem as suas especificidades enquanto sujeitos, é preciso proteger a história dessas crianças e jovens, garantir-lhes voz ativa e estimular o pensamento crítico acerca da realidade.

A nossa práxis, em cada âmbito da sociedade, precisar estar em consonância com as tantas experiências orgânicas construídas e movidas pelas comunidades afro-brasileiras, durante os séculos até então, logo, é curioso que se não há quem negue que o samba tem raízes negras, que a culinária brasileira, as histórias orais, ditados, provérbios e, a crença em santos e santas que unem as religiões de matriz africana a Igreja Católica, como: Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Categeró (EVARISTO, 2009), e entre outros costumes e aspectos que permeiam a vida dos brasileiros/as, logo, não deveria haver problemas em um novo processo educacional que se aproprie das riquezas literárias produzidas pelos tantos e tantas escritores/as negros/a. Porém, a resistência de muitos profissionais da educação para debruçar-se sobre as obras de autoria negra e incluí-las em suas práticas, revela como ainda a Educação é um âmbito duramente vinculado à reprodução das ideologias da classe dominante.

3.1 Formação da Roda dos Saberes

A Prof^a Dra Franciane chegou à Universidade Federal da Paraíba em 2019, ela é a primeira mulher preta, ocupando o cargo de Professora e Doutora no curso de Letras Português da UFPB, sendo a primeira professora negra de centenas de estudantes, mas, infelizmente eu não sei informar com propriedade se houveram outras mulheres negras como Mestras no curso de Letras Língua Portuguesa da UFPB. Me tornei seu aluno, na disciplina de Literatura Portuguesa II, no período 2019.2, onde ela fez questão de tornar uma disciplina tão burocrática em aulas de energia contagiante, repleta de discussões literárias e, ao final de algumas aulas, ela nos trazia sua voz forte e teatral ao recitar alguma poesia, seja de sua autoria ou de autoria de alguma escritora negra.

O projeto Palavra-Corpo, representa meu primeiro contato com a vida acadêmica no sentido de investigar os aspectos da negritude brasileira, por meio da literatura produzida por pessoas negras, tanto no campo literário-artístico quanto científico. Isso me proporcionou, cada vez mais, uma compreensão mais profunda de minha identidade como homem negro e, como Educador, me despertou a preocupação e interesse em contribuir para o processo de autoconhecimento de outras pessoas negras ao meu redor. Minha participação no projeto Palavra-Corpo teve início em 2020, no auge da pandemia da COVID-19. Quando a Professora Franciane iniciou as reuniões do projeto em 2020, ela nos apresentou as bases com as quais devemos sustentar nosso trabalho. Em consonância com a perspectiva da intelectual negra Nilma Lino Gomes (2020), Profa. Franciane nos ensinou que compete às Professoras/es a compreensão de que o processo educacional abrange diversas dimensões, tais como a ética, as múltiplas identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, e assim por diante.

Dessa forma, a Professora Francy nos mobilizou em torno de um exercício genuíno de democracia ao compartilhar conosco os primeiros passos para o projeto tomar corpo. Assim, ocorreu da seguinte maneira: nos dividimos em três comissões compostas por voluntários/as, parceiros/as e pela bolsista da edição, Maria Rita, jovem negra, pessoense, graduanda em Letras Língua Portuguesa. A Comissão de Registro e Memória foi estabelecida com o propósito de preservar registros de cada reunião, elaborar atas e outros documentos necessários durante as atividades. A Comissão de Comunicação ficou responsável por gerenciar a presença do projeto nas redes sociais, criando cards e vídeos sobre as reuniões, encontros de formação pedagógica, oficinas e atividades correlatas, como os sorteios realizados na página @palavracorpo. Por fim, a Comissão de Metodologia assumiu a responsabilidade de produzir materiais textuais que serviriam como referência para a realização das diversas tarefas do projeto. Isso inclui desde a criação de textos para publicação nas redes sociais, em colaboração com a Comissão de Comunicação, até a concepção das dinâmicas orgânicas do labor corpo-a-corpo com os encontros e/ou oficinas.

Tendo organizado as divisões de tarefas, onde cada integrante escolhe pelo menos um grupo de trabalho de acordo com suas preferências, habilidades e vontades de contribuir. Ao longo desse percurso, todas as comissões se aprofundaram nas leituras de obras literárias selecionadas para estudo, compartilhando, absorvendo e construindo perspectivas a partir das discussões realizadas em cada encontro pedagógico e reuniões.

Nossa organização foi feita de modo a garantir a participação de todos nos encontros pedagógicos, momentos de formação nos quais a Coordenadora, Franciane, convida pesquisadoras, ativistas, professoras e intelectuais negras de diferentes partes do Brasil ou do mundo. É importante salientar que, na primeira edição em 2020, as atividades de formação pedagógica foram restritas ao corpo integrante projeto, mas, a partir da edição 2021 as atividades de formação foram todas divulgadas com antecedência na página instagram @palavracorpo, convidando o público externo a se inscrever e participar para conhecer nossas atividades, dessa forma, vários encontros que realizamos foram bem expressivos quanto a quantidade de pessoas presentes.

Em decorrência disso, mulheres de diversas áreas de formação e atuação profissional foram trazidas para nutrir e fortalecer nossos propósitos com o projeto, como a então doutoranda em Literatura pela University of Pittsburgh, Luana Reis, mulher negra e brasileira, residente no Estados Unidos, que no dia 11 de setembro de 2021, nos trouxe a perspectiva da Insurgência de conhecimentos na poesia negra-feminina, discorrendo sobre a multiplicidade de significados na produção poética de mulheres negras. No mesmo encontro, tivemos a presença da doutora em Letras e escritora negra Mirian Cristina Dos Santos realizou a apresentação de sua obra intitulada "Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea" (2018), ressaltando as influências que permeiam a elaboração deste estudo.

O objetivo desse momento de formação era que as convidadas compartilhassem suas experiências de vida, enquanto mulheres, pessoas negras, singulares e múltiplas em potência, seus trabalhos e projetos relacionados às questões de combate às violências, principalmente contra minorias sociais, políticas abordadas pelo nosso projeto, bem como às questões da literatura negra brasileira, da educação pública e suas demandas. Nesse sentido, o processo de formação pedagógica ocorre na valorização da oralidade e da escuta, como instrumentos de manutenção de histórias vivas, de perpetuação de saberes construídos, de respeito pelas lutas das/os que vieram antes de nós, conforme afirma Petit, o principal método de aprendizagem é pela experiência vivida. A Doutora em Ciências da Educação, de origem cubana e Professora da Universidade Federal do Ceará há 24 anos, Sandra Haydée Petit, em sua obra *Pretagogia* (2015), encontra-se um aprofundamento acerca das origens e influências da oralidade em nossa descendência africana, ela nos diz: a transmissão do conhecimento pela tradição oral ocorre de forma transversal, utilizando a oralidade, a vivência e a experiência, além de todas as formas de comunicação e vibração

dos seres da natureza. Todas as formações pedagógicas, desde 2020 até então, foram realizadas de forma remota via *Google Meet*, tal como as oficinas da edição do projeto em 2020. Em todos os encontros, a equipe do projeto realiza um momento de chegada, onde são colocadas músicas que falam sobre questões da negritude e/ou indígenas, que transmitem reflexões sobre sexualidade, afirmação identitária, entre outros elementos.

Figura 3– Reunião de formação pedagógica (2021)



Fonte: Acervo do Palavra-Corpo, 2024.

Dia 25 de setembro de 2021, o encontro de formação pedagógica foi realizado com a participação da jurista Zaira Castro, mulher negra, que nos trouxe o seguinte debate: "Sistema de Justiça: Estratégias de Enfrentamento ao Racismo e à Violência Contra a Mulher". Durante esse evento, Zaira Castro contribuiu de forma significativa, trazendo insights valiosos como ativista pelos direitos das mulheres, especialmente mulheres negras. Inspirada pela obra da Professora estadunidense e intelectual bell hooks, Zaira ressaltou a importância do autocuidado como um elemento fundamental na jornada de cura diante das diferentes formas de violência que afetam as mulheres. Além disso, destacou a necessidade vital de estabelecer redes de apoio sólidas como estratégia essencial no combate à violência contra as mulheres. A educação também foi abordada como um elemento central no processo de transformação social, sendo a oralidade um dos instrumentos para construção dessas redes, assim como nos ensina Paulo Freire (2000), é fundamental expressar em nossos discursos e em práticas democráticas que a verdadeira vontade se manifesta na ação de sujeitos que reconhecem seus próprios limites. Pois, a vontade sem

limites flerta com o autoritarismo, a negação de outras vontades - negação de si mesmo. Zaira enfatizou a urgência de que as comunidades mais marginalizadas - mulheres negras, lésbicas, bissexuais e transsexuais - ocupem espaços de poder, como instituições jurídicas, universidades e cargos políticos, como meio de desafiar e reformar estruturas injustas e opressivas.

Figura 4– Reunião de formação pedagógica



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024

O encontro com a psicóloga Renata Marques, membro da equipe multidisciplinar do projeto *Justiça com Elas*, destinado ao suporte de mulheres afetadas pelas violências de gênero, abordou o tema do ciclo de violência que afeta muitas mulheres. Com base em sua pesquisa sobre as condições socioeconômicas das vítimas de violências domésticas, a palestrante enfatizou a importância crítica de uma rede de apoio e de políticas públicas eficazes de saúde e redução de danos, visando ajudar as vítimas a romperem com o ciclo de violência. No mesmo encontro, a convidada Marciane Pereira dos Santos compartilhou sua experiência de ter sido brutalmente agredida por seu ex-marido, resultando em queimaduras graves em 40% de seu corpo. Durante sua participação, Marciane compartilhou conosco os desafios de viver com as sequelas físicas e psicológicas da violência que sofreu. Como destaca Carneiro (2011), as mulheres negras acumulam, historicamente, um longo processo de exclusão, discriminação e rejeição social, e nessas circunstâncias, buscam o caminho da resistência e liderança em suas comunidades periféricas pelo Brasil. Incapaz de trabalhar e dependente de doações, ela enfrenta

diariamente obstáculos enquanto busca alternativas para sustentar a si mesma e seus dois filhos, necessitando até mesmo de uma cadeira de rodas para se locomover.

[...] sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração (Carneiro, 2011, p. 118-119).

Apesar das dificuldades e do trauma contínuo, o testemunho de Marciane foi marcante e profundamente instrutivo para todos/as/es presentes, fornecendo inspiração e encorajamento para continuarmos na luta contra a violência de gênero e todas as formas de opressão.

Figura 5— Reunião de formação pedagógica



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

No dia 9 de outubro de 2021, ocorreu mais um encontro de Formação Pedagógica da equipe Palavra-Corpo, onde se abordou a questão da invisibilidade enfrentada pelas pessoas trans na sociedade brasileira e a necessidade premente de estabelecer espaços seguros que reconheçam e valorizem suas existências. Explorando a temática "Sou Trans, Sou Preto, Sou Pobre: Transmasculinidades Negras em Pauta", foi enriquecida nossa discussão com a participação do pesquisador, professor e multiartista, Vércio Gonçalves.

Durante o evento, foi destacado por Vércio que essa invisibilidade afeta sobretudo os homens trans, cujas vivências são frequentemente ignoradas, resultando em

marginalização tanto no âmbito familiar quanto no social. Também foram discutidos temas como desumanização e violência enfrentadas por essa comunidade, incluindo restrições ao uso de banheiros e dificuldades no reconhecimento do nome social. Assim, ressaltou-se a importância da documentação e institucionalização da existência das pessoas trans.

Com o intuito de dar continuidade a esse diálogo, o Palavra-Corpo recomenda a leitura do livro "Transmasculinidades Negras - Narrativas Plurais em Primeira Pessoa", organizado pelos pesquisadores Bruno Santana, Leonardo Morjan Britto Peçanha e Vércio Gonçalves Conceição.

Figura 6 - Reunião de formação pedagógica



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

No dia 22 de março de 2023, ocorreu a formação pedagógica do Projeto Palavra-Corpo com a participação da Professora Doutora Bárbara Carine Soares Pinheiro, conhecida como "Uma Intelectual Diferentona", nas redes sociais, e além do mais, é baiana, idealizadora e uma das gestoras da Escola Maria Felipa, primeira escola registrada no Ministério da Educação como afro-brasileira. Carine proferiu uma palestra sobre a educação para as relações étnico-raciais na formação de educadores e educadoras. A Professora iniciou sua fala discorrendo sobre a estética do poder e como a construção imagética dessas relações de poder se desenvolve (a partir do homem, branco, hétero, sem

deficiências). Nesse sentido, nossa convidada provocou as seguintes reflexões: como criar estratégias para escapar dos espaços sociais que enquadram o corpo preto? Como evitar os espaços de subalternidade, de incapacidade, de padrões de rebaixamento social, intelectual e estético? Como podemos pensar em potencializar as existências pretas? Para iniciar esse caminho, a intelectual indicou algumas trilhas, entre elas, um ensino focado nas perspectivas afro-brasileiras, antirracistas e afro-centradas. Por fim, ela nos instigou a pensar a partir da seguinte pergunta desafiadora: “para que sonho você educa?”

O encontro com Bárbara foi mais uma atividade marcante e impactante promovida pelo Projeto Palavra-Corpo. As diversas pessoas que participaram saíram do evento mais seguras sobre o caminho a seguir e sobre como criar estratégias para sobreviver em um espaço acadêmico sempre tão hostil aos corpos considerados dissidentes. As palavras de Bárbara ainda ecoam em nós. A equipe Palavra-Corpo expressa mais uma vez sua gratidão pela participação da nossa convidada e se compromete a continuar construindo espaços de educação sensíveis, acolhedores, seguros e transformadores.

Figura 7– Encontro de formação pedagógica com Bárbara Carine



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

No dia 25 de fevereiro de 2023, realizamos o primeiro encontro de formação pedagógica do ano. Na ocasião, contamos com a participação da renomada escritora Miriam Alves, uma das autoras brasileiras mais importantes da atualidade. Miriam Alves é

uma majestosa escritora, poetisa e intelectual negra natural de São Paulo. Esta é a segunda vez que nós organizamos um encontro remoto com a escritora, a primeira vez foi durante a primeira edição do projeto e, ela nos imergiu em uma longa conversa descobridora de tantas questões acerca de sua vida, suas obras e afins. Sua vasta produção literária busca dar destaque a personagens negras, ocupando os mais diferentes espaços e rejeitando os lugares de subserviência que lhes foram atribuídos pelos autores da literatura canônica. No encontro realizado em 25 de fevereiro, também contamos com a participação de quatro convidadas especiais: as professoras Assunção Sousa e Flávia Araújo, além das escritoras Juliana Sankofa e Taylane Cruz. A mediação da atividade foi conduzida pela coordenadora do Palavra-Corpo, a Professora Franciane Silva. Na primeira parte do evento, as convidadas prestaram homenagens a intelectual, contista e romancista pelos seus 40 anos de carreira literária e 70 anos de vida. Foram depoimentos carregados de emoção, afetos e muito respeito à incrível trajetória da homenageada.

Em seguida, a autora compartilhou reflexões significativas sobre sua produção literária e sobre a literatura de autoria negra no Brasil. As muitas provocativas apresentadas por Miriam nos convidaram a ampliar nossa percepção sobre o que é literatura e a expandir nosso repertório literário. A equipe colaboradora do projeto, juntamente com o público convidado, participou de maneira ativa dos diálogos, aproveitando a oportunidade única de interagir diretamente com uma escritora tão importante para a Literatura Brasileira e a literatura mundial.

Figura 8– Encontro de formação pedagógica com Miriam Alves



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

No dia 25 de julho de 2023, segunda-feira, o projeto Palavra-Corpo realizou o último encontro de formação pedagógica de sua terceira edição, tendo como convidada especial Maria da Conceição Evaristo de Brito. Doutora em Literatura Comparada (UFF) e escritora de romances, contos e poemas, Conceição Evaristo dispensa apresentações. O encontro contou também com a presença e participação de Miriam Alves, Geni Guimarães, Taylane Cruz, a Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí, Assunção de Maria Sousa e Silva, a Professora de Letras Língua Portuguesa da UFPB, Fabiana Carneiro da Silva, Professora de Letras Língua Portuguesa da UFPB, Amanda Ramalho de Freitas Brito e tantas outras mulheres que fazem parte das nossas formações e parcerias com o projeto.

A reunião teve início com a fala de Franciane, coordenadora do projeto, que fez uma breve apresentação da trajetória da majestosa Conceição Evaristo e de como a intelectual influenciou em sua carreira. Em suas palavras: "Conceição Evaristo é uma presença constante em mim". Após receber as palavras de afeto, tecidas com enorme carinho e admiração, Conceição iniciou sua fala, nos apresentando a escrivência sob a perspectiva de espelhos e imagens: "O espelho de Narciso não revela o nosso rosto, nosso rosto não cabe no espelho de Narciso, não traz a nossa imagem". A autora afirma que o espelho que realmente reflete nossa imagem enquanto pessoas negras é o de Oxum, que também pode ser visto como arma de guerra, de defesa; ele comporta nossa subjetividade, identidade negra e nos potencializa. Repleto de intelectuais, pesquisadoras e autoras negras, o encontro se tornou ainda mais especial quando lembramos do Julho das Pretas – criado em 2013 pelo Instituto da Mulher Negra (Odara), a ação celebra, no dia 25 de julho, o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha.

Figura 9– Encontro com Conceição Evaristo



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

3.2 Das oficinas: a ginga dos saberes

Após a conclusão do processo de elaboração das sequências de atividades e dinâmicas pedagógicas pelas respectivas comissões, a equipe responsável pelo projeto organizou-se para a realização de oficinas semanais. As atividades englobam a execução de oficinas pedagógicas, nas quais os estudantes do Ensino Médio da instituição parceira têm a oportunidade de explorar textos literários de autoria afro-brasileira, acompanhados por diversas dinâmicas elaboradas como métodos de interação e imersão nas discussões. Os/as secundaristas participantes das oficinas, foram cerca de 25 jovens ao todo, na faixa etária de 15 à 18 anos, cursando do 1º ao 3º ano do ensino médio. Com a intenção de tornar o ato de leitura da série de relatos deste tópico mais literário e poético, em consonância com os aspectos temáticos trazidos pela pesquisa e que são essenciais na construção das oficinas, trago trechos de alguns contos que são instrumentos das atividades narradas.

As equipes, de cada comissão juntamente à pessoa bolsista, tendo a coordenadora como auxiliar nesse processo, são responsáveis pela produção de sequências didáticas construídas a partir de textos literários selecionados, dinâmicas de interação com os/as estudantes para que haja melhor compreensão das questões e elementos presentes nos contos, com momentos para que todos/as/es possam discutir e externar suas interpretações, memórias e afins. Como cada comissão é responsável pela sua oficina, ela é livre para escolher a sua temática, os textos literários e a construção das dinâmicas de comunicação entreicineiros/as/es e estudantes, contudo, é imprescindível que os contos tenham consonância com as formações pedagógicas, com isso as oficinas levaram temas como:

violência contra a mulher, sobretudo a mulher negra, a violência contra pessoas LGBTQIAP+, racismo na infância, beleza negra, a questão do sonho como elemento motivador e essencial para nos mover foi levantado em várias das nossas oficinas. É importante ressaltar às pessoas que irão ler este trabalho, se sintam à vontade para que as nossas ações inspirem novas ações, que sirvam de base para que cada vez mais os textos literários de autoria negra chegam nas escolas públicas, bem como as escolas privadas, e que seja possível entender como realizamos todos os processos, quais as problemáticas e afins para que o estreitamento da relação entre projeto e escola seja efetivo.

Os textos literários são empregados, desse modo, como instrumentos de socialização do conhecimento entre graduandos/as/es e secundaristas, abrindo alas para a sensibilização que permeia o processo de entrega para realização das oficinas, o que permite que os/as participantes reflitam sobre suas próprias experiências e vivências relacionadas à sua realidade no dia-a-dia enquanto jovens, periféricos/as, negros/as e não-negros/as, assim como Paulo Freire (1989) nos ensina que há uma leitura sobre o mundo antes da leitura da palavra, ou seja, é preciso, antes de tudo, considerar que o(a) educando não é um vaso vazio, mas sim, um ser que carrega seus conhecimentos advindos de todas as suas experiências que servem como lentes para ler o mundo. As leituras dos textos são feitas por integrantes do projeto em voz alta, de forma a dar vida aos contos, assim como afirma Pinheiro (2018, p. 32) a respeito da leitura oral dos poemas: “(...) é um instrumento importante para uma aproximação ao poema e, no contexto de sala de aula, quando bem realizada, pode despertar o interesse de muitos leitores”. Nesse sentido, os textos selecionados para as atividades são potentes ao transmitir “[...] elementos estruturantes da cosmovisão africana: a relação com a natureza, à vida, à morte, à comunidade, à palavra, à ancestralidade, à resistência, à musicalidade, à sonoridade, à magia” (Petit, 2015, p. 139).

A construção das nossas sequências didáticas são elaboradas tendo como base a sistematização de Letramento Literário desenvolvido pelo doutor em Letras, Rildo Cosson, que em sua obra nos imerge em uma profunda reflexão a partir da práxis pedagógica, suas problemáticas ao disponibilizar acesso à literatura, quais os modos geralmente são utilizados pelos educadores dentro da sala de aula, e no espaço escolar como um todo. Desse modo, Cosson (2016) descreve duas estratégias importantes para que possamos nos ater às possibilidades de elaboração de aulas que aproveitem ao máximo as capacidades, os sentidos e a dimensão do contato dos/as estudantes com a literatura. As estratégias são:

Sequência didática básica e Sequência didática expandida, sendo a primeira sequência composta por quatro momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação; na segunda, expandida, são acrescentadas duas etapas: contextualização e a expansão. Para as nossas atividades, nós utilizamos a sequência básica, tendo em vista que ela é formada por uma ordem de momentos construtivos o suficiente para as nossas oficinas.

Assim sendo, as metodologias descritas por Cosson estão presentes em nossas atividades, que irei relatar. Na etapa de motivação, Cosson (2016) nos orienta explorar com os/as estudantes a imaginação, o lúdico, a partir de signos que tem a ver com a(s) obra(s), com isso nós sempre buscamos interagir levantando perguntas imagéticas para que todo o pessoal manifeste o que acha que será trazido para leitura, qual temática poderá ser levantada, se diz respeito uma obra que escrita por homem ou mulher, e afins. No momento de introdução, nós podemos partir para a apresentação da obra em mãos, na intenção de que os/as participantes tenham contato físico com o material. Aqui, nós realizamos uma breve biografia da autora do livro, falamos do que se trata a composição de sua obra. No terceiro momento, a leitura, é o momento mais importante da sequência para que todos/as/es envolvidos/as/es possam trilhar por um caminho vasto de possibilidades que, a partir da leitura serão permeadas. Nesse momento, o Professor nos orienta que seja de profunda relação ao mediar as leituras, e não de policiamento, que haja também acordos com todos/as/es que participam. E para o último momento, de interpretação, o intelectual nos guia ao pensar que existem diversas possibilidades para que o conjunto das atividades realizadas se tornem, nessa etapa, elementos exploráveis a fim de que discussões sobre a(s) obra(s) sejam levantadas, ideias de intervenções escritas e/ou artísticas e afins.

Na intenção de desconstruir o modelo de sala de aula enfileirada, em ordem, nós exercemos a prática afro-ancestral de circularidade formando um círculo com as cadeiras, no pátio da escola, para estimular o sentimento comunitário em roda, recuperar a ideia *ubuntu* de que o *eu* não existe só, mas sim, através dos outros (Petit, 2015). Na educação de matriz africana, o símbolo do círculo está presente em tudo: na vida dos seres, nas relações humanas em comunidade, na dança e luta, como a capoeira, na religiosidade e afins. Do mesmo modo, a fim de contribuir para pensarmos as práticas da circularidade, Allan da Rosa (2019) destaca que uma das características da cultura negra é a valorização de seus intelectuais, seus mestres, os pensadores orgânicos, todos e todas que se envolvem com a continuidade e renovação da construção comunitária.

3.2.1 Primeira ginga:

A primeira oficina, realizada em 24 de novembro de 2021, foi conduzida de forma presencial, seguindo estritamente as diretrizes de segurança, incluindo o uso obrigatório de máscaras e a disponibilização de álcool em gel. O encontro teve como participantes os/as estudantes da Escola Francisco Leocádio R. Coutinho. Além das atividades pedagógicas planejadas, a sessão proporcionou momentos de interação e convivência com o corpo estudantil, permitindo uma aproximação mais pessoal com cada um. Esta segunda edição do projeto marcou o retorno ao formato presencial após um período de atividades remotas realizadas através do *Google Meet*, devido ao agravamento da pandemia da COVID-19. A oficina foi intitulada "Você já parou para ouvir o sonho de um menino?", em uma inspiração direta no poema "Menimelímetros", da renomada poeta Luz Ribeiro. Em roda, nos abrimos para diálogos na intenção de reconhecermos os/as estudantes e nos re-apresentarmos, na intenção de proporcionar a construção de uma circularidade à vontade para as falas, perguntas, risos e afins. É perceptível que, mesmo sendo um ambiente periférico, aqueles(as) jovens têm fome e sede de buscar conhecimentos, de conhecer o novo, de entender o que ainda não é inteligível e passível de explicações aos seus olhos, mas, graças a docentes como Cármen e Roni, o esperar ainda vive dentro dessas realidades, decerto como Paulo Freire nos afirma:

A matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento de seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação. (Freire, 2000, p. 52).

Como parte do encerramento das discussões realizadas durante o encontro, a Professora Franciane recitou este poema impactante que levanta questões acerca das hipocrisias que as pessoas privilegiadas praticam ao discursar sobre as vidas periféricas, a fim de receberem elogios antirracistas, mas nunca frequentaram a realidade das pessoas pobres e/ou negras, enfatiza ainda a importância de sonhar e cultivar sonhos não apenas em si mesmos, mas também nas pessoas ao nosso redor. Este gesto foi especialmente significativo considerando o contexto dos jovens participantes, que muitas vezes não são incentivados a sonhar e a refletir sobre suas próprias aspirações de vida. Após esse momento, realizamos um momento para os comes e bebes com as comidas que levamos

para o encontro: bolos, bolachas, sucos e refrigerantes. Abaixo segue um trecho do poema “Menimelímetros” da poeta, slammer e produtora cultural, Luz Ribeiro:

**“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez os sonhos dos menino?
é tudo coisa de centímetros:
um pirulito, um picolé
um pai, uma mãe
um chinelo que lhe caiba nos pés. (Ribeiro, 2017)**

Figura 10 – Oficina “Cê já parou pra ouvir o sonho de um menino?”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

Figura 11 - “Cê já parou pra ouvir o sonho de um menino?”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

3.2.2 Segunda ginga:

A segunda oficina, ocorrida em 01 de dezembro de 2021, recebeu o título "Sonhos Não Envelhecem", em uma evidente referência à canção "Clube da Esquina nº 2", de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges. A abordagem da oficina foi construída a partir da associação entre essa música e dois contos específicos: "Bife com batata frita", da grandiosa escritora Cristiane Sobral⁴, "Lumbiá", de Conceição Evaristo. Ambos os contos exploram a infância de pessoas negros em um contexto periférico, proporcionando uma base sólida para discussões profundas. Os objetivos da oficina são: Refletir a partir dos contos, como os diversos tipos de violências roubam os sonhos das crianças; perceber, junto com os estudantes, como os diferentes tipos de violências apontados no conto perpassam pelo imaginário e cotidiano.

Segue abaixo um trecho do conto "Lumbiá":

“[...] Entretanto, não era esse pirotécnico espetáculo que seduzia Lumbiá. Nem o personagem Papai Noel gordo e feliz, com o seu sorriso envidraçado dentro das vitrines. Das árvores de natal, não gostava dos pinheiros iluminados e coloridos. Dos presentes expostos nas vitrines, principalmente os embrulhados, tinha vontade de apanhá-los e amassá-los. Ficava irritado, sabia que tudo eram caixas vazias. Só havia uma coisa que o menino gostava no Natal. Um único signo: o presépio com a imagem de Deus-menino.[...]"(Evaristo, 2016, p. 52)⁵

Inicialmente, os participantes formaram um círculo e foram convidados a compartilhar imagens que evocavam lembranças de suas infâncias. Esse exercício visava estimular um diálogo sobre o significado dessas imagens e as memórias associadas a elas. Além disso, foram apresentadas fotos das escritoras Cristiane Sobral e Conceição Evaristo para questionar quem já havia visto essas mulheres, nenhum(a) dos/as estudantes as conheciam. Logo, aproveitamos para falar sobre quem são elas e suas obras.

Após esse momento, no intervalo de cada leitura dos contos, foram promovidas discussões entre as/os mediadores e os estudantes, a fim de estimular reflexões e análises sobre as personagens dos contos a partir de perguntas motivadoras, como: Pra você os sonhos de "Lumbiá" e "Ióli" são mais do que ter um presépio ou comer bife com batata frita? O que a narrativa nos diz sobre isso? Porque para Ióli o seu banho simboliza o "fim

⁴ Cristiane Sobral nasceu na zona oeste do Rio de Janeiro, em 1974. Iniciou sua formação artística muito jovem no campo teatral, trabalhou como atriz em tanto nos palcos quanto nas câmeras. Além de participar da produção de livros da coletânea de poemas e poesias: *Cadernos Negros*, ela é autora de vários livros, como: *Não vou mais lavar os pratos*, *Espelhos*, *miradouros*, *dialéticas da percepção*, *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, *O tapete voador* e *Terra negra*. Disponível no link a seguir: <http://www.letas.ufmg.br/literafr/autoras/203-cristiane-sobral>

⁵ O conto "Lumbiá", está presente na obra *Olhos D'água*, publicado em 2014, escrito por Conceição Evaristo.

de sua infância”? 2. Por quais motivos você acha que Lumbiá se encanta tanto com o presépio mais do que as outras coisas no Natal? 3. Porque a narrativa (a História) de Lumbiá e Ióli nos faz imaginar que suas infâncias e seus sonhos estão sendo interrompidos?. Muitos(as) dos(as) estudantes falaram sobre experiências que se ligam ao contexto dos contos, principalmente sobre a impossibilidade de comer o que deseja devido às condições financeiras da família.

Para encerrar a oficina, foi realizada uma dinâmica conhecida como "teia dos sonhos", na qual os estudantes eram convidados/as a responder perguntas relacionadas aos contos, enquanto se conectam fisicamente através de um novelo de lã, simbolizando os laços criados durante o processo de compartilhamento e reflexão. Que conselho você daria para Lóli ou Lumbiá (personagens dos contos) em como retomar esses sonhos interrompidos? e você já teve um sonho interrompido? À medida em que as respostas forem feitas, quem estiver com o novelo de lã joga para um(a) próximo(a) participante.

Figura 12 - Oficina “Sonhos não envelhecem”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

Figura 12 – Oficina “Sonhos não envelhecem”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

3.2.3 Terceira ginga:

A terceira oficina, realizada em 08 de dezembro de 2021, recebeu o título "Dos Sonhos Perdidos Pelo Caminho", com o propósito de promover uma discussão embasada na perseguição que permeia a realidade das mulheres negras, lésbicas, transsexuais e travestis em todo o Brasil, nós selecionados os contos "Os Olhos Verdes de Esmeralda", da escritora Miriam Alves, e "Do Lado Corpo, Um Coração Caído", de Conceição Evaristo. Ambos os contos abordam questões relacionadas à lesbofobia, transfobia e diversas formas de violência, incluindo a violência racial, de gênero e sexual. No primeiro momento da atividade, a equipe falou sobre os dados Mortes de mulheres cis Lésbicas e Bissexuais, citando nomes como o da Vereadora Marielle Franco, 38, assassinada no estado do Rio de Janeiro, e sobre os dados Mortes de Mulheres Trans e Travestis, como Dandara dos Santos, 42, assassinada em Fortaleza, CE. Logo em seguida, a integrante e então bolsista, Maria Rita, recitou o seguinte poema "Dá licença"⁶ de sua autoria juntamente com o voluntário Luciano:

Dá licença, dá licença, dá licença!

Não sou delinquente

⁶ Escrito por Maria Rita e Luciano Galdino, graduandos em Letras- Língua Portuguesa

Sua mira não vai me acertar

Essa sina por mais engenhosa que seja

Não será nossa!

As que se foram serão lembradas

As que estão vivas serão contempladas

Combinamos de não morrer

Não vamos M-O-R-R-E-R

Elas não morreram

E não morrerão.

Não vamos aceitar a violência que insiste em atravessar nossos corpos.

Lutaremos em vida

Pelo nosso direito de amar

Lutaremos em vida

Pelo nosso direito de ser

Lutaremos em vida

Pelo nosso direito de existir

Lutaremos em vida!

(Maria Rita e Luciano Galdino, 2021)

Após esse momento, osicineiros e icineiras realizaram as leituras em voz alta dos textos, durante a oficina, as/os participantes foram envolvidos/as em diálogos profundos sobre essas formas de desumanização do ser, com espaço para expressar suas reflexões e experiências. A partir das questões provocadas pela equipe, o pessoal buscou interagir sobre o tema que é tão delicado quanto comum, pois, as/os estudantes já presenciaram cenas de agressões contra a mulher, sejam elas por questões raciais,

conjugais ou por sexualidade, assim como foi relatado por algumas participantes. Com efeito disso, foi realizada uma dinâmica intitulada "Juntar Pedacos", com o objetivo de identificar os aprendizados e as ideias obtidas ao longo da oficina, onde o pessoal foi convidado a juntar os pedaços da imagem da bandeira em homenagem à visibilidade lésbica. Essa abordagem permitiu não apenas uma reflexão sobre as realidades enfrentadas por mulheres negras lésbicas, transexuais e travestis, mas também incentivou a busca por formas de resistência e transformação diante das adversidades impostas pela necropolítica e outras formas de opressão sistêmica.

Figura 13 – “Dos sonhos perdidos pelo caminho”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

3.2.4 Quarta ginga:

Na quarta e última oficina, realizada em 15 de dezembro de 2021, em que eu fiz parte diretamente de todo o processo, foi abordada a temática das violências que obstruem ou eliminam os sonhos das pessoas negras desde a infância. Nós, que elaboramos a sequência de atividades, a intitulamos: “Fecundar Sonhos, Desabrochar Esperanças”, e entre os materiais necessários para a realização foram os contos "Pixaim", da escritora Cristiane Sobral, e “Brincadeira”, de Miriam Alves. O objetivo foi promover um diálogo que permitisse diferenciar o bullying do racismo, desenvolver a capacidade dos(as) estudantes de refletir de maneira crítica a respeito da violência de gênero e antirracista;

propor discussão e reflexão sobre o preconceito racial, a partir de textos literários, dessa forma buscando valorizar e instigar a busca pelo pertencimento afro-brasileiro; estimular o pensamento crítico sobre as relações étnico-raciais, bem como motivar o pensamento de autovalorização e de autoafirmação étnica. Segue abaixo um trecho do conto “Pixaim”:

“Pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”. Depois uma vizinha disse à minha mãe, que todos os dias lutava para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha “dura”.” (Sobral, 2016, p. 37)⁷

Durante o intervalo da leitura de cada conto, realizamos um momento para intervir e instigar a participação de todos e todas. Eu e os/as demais oficineiros/as, fizemos levantamentos de perguntas, tais como: Quais sensações e sentimentos foram despertados durante a leitura? Qual/quais as temáticas abordadas no conto?; Quais problemas/denúncias estão sendo abordadas no texto? Você consegue perceber alguma problemática sendo abordada no texto? Você já viveu ou conhece alguém que passou por isso? O que você pensa da atitude dos meninos e de Joãozinho? Por que você acha que isso aconteceu/acontece?; Como vocês se sentiram ao ler/ouvir a história?; Como era a relação entre Joãozinho (Zinho) e a família? E como era a relação dele com os colegas? Por que os colegas de Joãozinho o chamavam de “Mussum”?; Por que podemos considerar que alisar o cabelo de uma criança de 10 anos pode ser considerado uma violência?; Por que a personagem protagonista do conto é considerada feia?; Vocês já foram chamados (a) de “feio”? Assim como a personagem, você já precisou mudar o seu cabelo? O que esse processo significou pra você?

Entre uma pergunta e outra, a interação foi fluindo naturalmente, onde cada estudante compartilhou suas percepções, seus sentimentos e experiências em relação às violências discutidas nos contos, estabelecendo elos entre os elementos ficcionais e a realidade. Com isso, fizemos uma série de provocações questionadoras a fim de fomentar reflexões acerca de quem são as/os personagens envolvidos na história; quais os seus caminhos e problemas; quais os seus sonhos e medos. Nós, da equipe, também usamos desse momento para tecer nossas experiências, eu por exemplo, fiz a memória sobre o fato de estar com o penteado conhecido como *black power*, mas, que até pouco tempo eu não deixava o cabelo crescer devido ao costume que foi ensinado a sempre cortar o cabelo

⁷ O conto “Pixaim”, está presente na obra *O Tapete Voador* da escritora Cristiane Sobral.

antes dele começar a manifestar sua natureza crespa meio cacheado. Dessa forma, cada estudante que se posicionou falou sobre como a sua aparência é vista como um convite para comentários infelizes, invasivos e preconceituosos, os meninos negros ressaltaram que, preferem manter o cabelo curto por terem a experiência de serem tratados com hostilidade, igualmente algumas meninas negras, que relataram sofrer racismo devido o cabelo crespo. A seguir, trago um trecho do conto “Brincadeira”:

Zinho sabia o peso da responsabilidade. Ele dava para a coisa. Era inteligente. Aquela manhã sonolenta testemunhava sua alegria. O sorriso brilhando, iluminado o seu rosto negro e miúdo. Brilho também nos seus olhos castanhos, refletindo a felicidade infantil, exalando a confiança nele depositada.

(Alves, 2011, p. 86)⁸

O estudante Rodrigo, um dos que mais se destacou nas atividades, relatou sua vida de jovem negro, que estudava e trabalhava como garçom, e DJ nas horas vagas. Ele disse, no final da oficina, que sempre foi considerado inútil e que acreditava nisso, mas que o contato com as atividades do Palavra-Corpo fez renascer nele o sonho de ser um estudante universitário. Como afirma o intelectual Allan da Rosa (2019), o racismo opera sob justificativas que fomentem a agressão e destruição corporal ou simbólica da pessoa negra. O autor complementa ao dizer que, as pessoas negras são vistas como potenciais agressores pelos racistas, atribuindo-lhes problemas, como contrariedades e a ausência de controle ao lidar com a sua sexualidade.

Dessa forma, foi possível observar as muitas reações dos/as estudantes, onde a maioria deles/as relataram sobre suas vivências, reconheceram algumas dores pelo fato de ter a pele negra, os assédios por ser mulher, suas condições de vida familiar, suas crenças, seus sonhos de estudos e profissões. Alguns, entre nós da equipe, também relataram suas experiências de sofrimentos e aprendizados. Com isso, nós acolhemos cada uma das pessoas que se permitiram falar abertamente. Em seguida, foi realizada uma dinâmica especial, na qual os estudantes foram convidados a apresentar seus documentos de identificação, como carteira de identidade ou de estudante. Com base nesses documentos, nós, enquanto facilitadores da oficina, levantamos uma série de questões reflexivas para os/as participantes, como: "Como as pessoas costumam te ver?" e "Como você se vê?". Essas perguntas visavam incentivar os estudantes a refletir sobre sua própria identidade,

⁸ O conto “Brincadeira”, está presente na obra *Mulher Mat(r)iz*, publicado em 2011, pela autora Miriam Alves.

como se enxergam e como desejavam ser percebidos pelas pessoas. Para o desfecho da atividade, as/os participantes foram estimulados a expressar como gostariam de ser vistos, afirmando suas singularidades, importância e valor como indivíduos. De acordo com essa premissa, é importante refletirmos a educação como libertadora à luz da intelectual bell hooks:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. [...] nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (Hooks, 2013, p. 25).

Um dos alunos que mais se manifestou, durante as atividades, e de forma assertiva em relação às intenções propostas pelas dinâmicas, respondeu a nossa pergunta provocadora afirmando que é, acima de tudo, um ser “único”. Essa etapa final teve como objetivo fortalecer a autoestima e a autoconfiança dos/as estudantes, em um contexto social que muitas vezes menospreza e atrofia as potencialidades de cada jovem das periferias sem os oferecer as oportunidades necessárias para que possam manifestar e desenvolver suas habilidades, seus desejos, sonhos, e sua cidadania. Esta última oficina, coincidiu de ser no dia em que a Professora Franciane faz aniversário, e nós da equipe, realizamos uma surpresa para ela.

Figura 14 - “Fecundar sonhos, desabrochar esperanças”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

Figura 15 - “Fecundar sonhos, desabrochar esperanças”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

Figura 16 - “Fecundar sonhos, desabrochar esperanças”



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

4. ESCRIVIVÊNCIAS⁹

Para este capítulo, considero de grande valia o relato de algumas pessoas que fazem parte da construção do projeto Palavra-Corpo e que estão diretamente ligadas às diversas atividades que foram tratadas para esta pesquisa. Os relatos pessoais foram disponibilizados, ao meu pedido, pelas próprias autoras e pelo autor, porém, como não houve uma formalidade para que eu possa apresentá-las(o), trago apenas as iniciais dos nomes delas e dele. Abaixo dos relatos, faço uma breve análise comparativa sobre os elementos pessoais trazidos por cada texto.

Relato de experiência 1, Y. L.:

Participar do projeto de extensão “Palavra-corpo: a literatura como estratégia de enfrentamento à violência contra a mulher”, foi de extrema importância não só para a minha trajetória profissional, mas também pessoal. Conhecer os textos literários de Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral nos humaniza, nos aproxima do tema violência contra a mulher com os olhos de quem conhece na pele essa dor.

O tema da violência contra a mulher, por ser um assunto que me interessa sobremaneira, foi um fator que facilitou no momento da intervenção nas oficinas. Trabalhar com temas que sejam estimados pelo mediador acredito que facilite o trabalho de pesquisa e de planejamento. Todavia, o pensar nas estratégias de ensino, nas propostas pedagógicas, adequar ao tempo das oficinas, pensar no público-alvo, foram questões que demandaram trabalho e exigiram uma boa capacidade criativa.

Interagir com os estudantes, debatendo sobre o tema, trazendo suas experiências de vida naquelas oficinas, foi um resultado muito gratificante, pois conseguimos nos aproximar deles, apesar das oficinas terem ocorrido de forma virtual. Se isso foi um desafio para nós no início, ao final de cada oficina, com a participação de todos, percebemos que tínhamos alcançado os nossos objetivos com o texto literário.

Com as oficinas, construímos uma prática pedagógica libertadora e engajada, com a participação de todos os envolvidos, alunos e professores, de forma dialógica em todo o

⁹ Escrevivência é um termo cunhado pela intelectual e escritora Conceição Evaristo, onde há a junção de duas palavras: *escrever* e *vivência*. Um dos sentidos e propósitos do termo é demarcar uma escrita que surge a partir das histórias, escritas e vozes de mulheres que são, historicamente, silenciadas e violentadas pelo racismo, pela misoginia. Em uma breve definição, a autora diz: "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade.". Disponível no link: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>

processo de aprendizado, seja na pesquisa com os integrantes do projeto e a coordenadora, seja nas oficinas com a execução das propostas pedagógicas.

As oficinas proporcionaram uma troca relevante entre os alunos quanto ao tema da violência contra a mulher, uma vez que conseguiram experienciar através do texto literário as violências sofridas por eles mesmos, dando significado à leitura. Compreender o que está no texto, dar sentido a ele, é também modificar-se e modificar o mundo, pois não é apenas uma decodificação do escrito, mas algo que levamos para a vida, para as nossas relações sociais.

Relato de experiência 2, M. R.:

No decorrer das oficinas pedagógicas, foi possível verificar resultados essenciais para o processo de ensino de literatura nas escolas públicas brasileiras e para o processo de formação dos discentes extensionistas. Dessa forma, tendo em vista a diversidade de temáticas e diálogos propostos pelo projeto Palavra-Corpo, é importante mencionar a preocupação com o aprimoramento do conhecimento dos integrantes em relação à docência, possibilitado pelo vasto processo de formação pedagógica inicial do projeto e pelo contato direto com a sala de aula e com os estudantes.

Outro fator que pode ser observado em relação ao ensino de literatura na rede pública diz respeito à integração entre os discentes do ensino superior e os participantes da escola de nível médio, o que possibilitou uma relação mais próxima entre os estudantes da rede pública e o ensino superior. Também foi observado o aumento na interação virtual dos estudantes da escola parceira com o projeto, tendo em vista a criação e manutenção das mídias digitais do Palavra Corpo.

Em relação aos estudantes da escola parceira Escola Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, verificou-se um aumento na confiança, no interesse e na participação nas aulas de literatura, proporcionados pela construção de um ambiente marcado pelo acolhimento, escuta afetiva e embasados na Pedagogia Afro Afetiva, proposta pela coordenadora do projeto, a professora Franciane Conceição da Silva. Além disso, também é possível destacar o desenvolvimento na capacidade de leitura e interpretação textual dos estudantes, o que permitiu a discussão e compreensão de conceitos trabalhados durante a análise de textos literários e a associação desses temas às vivências sociais e históricas da sociedade brasileira.

Portanto, verifica-se a importância do projeto de extensão “Palavra Corpo” tendo em vista a promoção do contato entre estudantes de escola pública e o alcance à universidade federal, o processo de formação e capacitação da equipe pedagógica, além da democratização do acesso à literatura promovido durante o andamento das oficinas pedagógicas. Dessa forma, é possível afirmar que o projeto contribui para a formação dos participantes enquanto sujeitos ativos na sociedade e enquanto profissionais da educação prestes a ingressar no mercado de trabalho, fornecendo as ferramentas necessárias para a construção de sequências didáticas sobre diversas temáticas e promovendo a análise e o debate de textos literários negro-brasileiros de autoria feminina acerca da violência racial, de gênero, contra a população LGBTQIA+ tanto nos espaços acadêmicos, como nos espaços de ensino público de nível médio. Por esse motivo, faz-se necessário a permanência e manutenção de projetos de extensão como o Palavra-Corpo nas universidades federais brasileiras.

Relato de experiência 3, M. E.:

Para os resultados, nós avaliamos a boa relação do trabalho em equipe de todos os participantes do Projeto Palavra-Corpo e todo o conhecimento compartilhado nas reuniões pedagógicas com todos os convidados, que foi de suma importância para a realização das oficinas. Ademais, a orientação da nossa coordenadora Dra. Franciane foi ponto principal para que pudéssemos realizar as discussões e atividades em cada oficina que nos deixaram com a sensação de dever cumprido ao difundir e estudar as obras literárias de autoras negras brasileiras e trazer debates sobre temas importantes e emergentes na nossa sociedade com os alunos da Escola Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho.

Participar do projeto Palavra-Corpo tem sido uma jornada transformadora para mim como mulher negra. Sob a orientação da Professora Franciane, mergulhei em um mundo de literatura composta por vozes negras brasileiras, que não apenas ressoam profundamente comigo, mas também me proporcionaram uma plataforma para afirmar minha identidade e fortalecer minha autoestima. O contato com essa literatura foi revelador. Encontrei narrativas que ecoavam minhas próprias experiências e sentimentos, validando minha existência e me mostrando que minhas histórias têm valor e importância. Essas obras não apenas me empoderaram, mas também me desafiaram a questionar as estruturas de poder e opressão que moldam nossas vidas.

Além disso, o projeto proporcionou um espaço seguro e acolhedor para compartilhar essas experiências com outras pessoas que compartilham minha jornada. As reuniões pedagógicas no âmbito do projeto Palavra-Corpo foram uma experiência enriquecedora e empoderadora, a partir das reuniões, não só tive a oportunidade de mergulhar em discussões profundas sobre questões raciais, mas também pude explorar temas igualmente importantes, como gênero, sexualidade e identidade.

Foi um espaço verdadeiramente inclusivo, onde todos os participantes foram encorajados a compartilhar suas experiências e perspectivas. Essas trocas foram fundamentais para ampliar minha compreensão das interseccionalidades que permeiam as lutas por justiça social. Participar das oficinas na Escola Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho foi uma experiência que transformou profundamente minha vida profissional e acadêmica. Lidar diretamente com os alunos e testemunhar o impacto das oficinas em suas vidas foi incrivelmente gratificante e esclarecedor. Foi inspirador observar como eles se engajaram com os textos, expressaram suas próprias experiências e desenvolveram uma consciência crítica sobre as questões que afetam suas vidas.

Para concluir, entendemos que a educação tem uma função importante na formação do cidadão, dessa forma buscamos, através da literatura, contribuir nesta formação de cidadãos críticos, empáticos e reflexivos diante dos impasses de uma sociedade. Ademais, o projeto tem como o objetivo difundir obras de mulheres negras e LGBTQIA+ que ainda são tão invisibilizadas e trazem temas importantes a serem discutidos. Objetivos esses que foram cumpridos em reuniões semanais e quinzenais orientadas e coordenadas pela Professora Doutora Francine, que pensou e auxiliou em cada passo e cada processo das reuniões pedagógicas e oficinas fazendo com que conseguimos cumprir os objetivos de cada uma delas e trazermos discussões enriquecedoras para a equipe do projeto e corpo docente e discente da escola parceira.

Relato de experiência 4, L. G.:

Com as formações pedagógicas tivemos a oportunidade de nos prepararmos para as ações na escola e aprendermos com as discussões que perpassam pelo campo racial, social e de gênero. Pensando que grande parte da equipe do projeto é formada por estudantes do curso de Letras, todas as ações desenvolvidas surgiram como potencializadores para nosso processo de ensino-aprendizagem como futuros docentes, visto que foram desenvolvidas várias atividades que antecederam nossa atuação na escola. Todo o acolhimento dado para

a equipe do projeto foi posto também aos estudantes da Escola Francisco Leocádio Ribeiro Coutinho, fazendo com que todos que participassem desse momento se sentissem confortáveis e seguros para expor seus relatos e experiências. Além de toda a sensibilização e reflexão causada com o tema da violência, tanto os integrantes da equipe do projeto quanto os estudantes participantes das oficinas tiveram a oportunidade de conhecerem e se apropriarem das produções literárias de autoria negra feminina, entendendo também que apesar o processo de exclusão, violência e invisibilização desses corpos, eles continuam construindo uma vasta produção de conhecimento, arte e cultura.

O projeto reafirma a importância do uso da literatura nas aulas de língua portuguesa, nos fazendo perceber que o acesso às produções literárias, especialmente as literaturas negro brasileiras, são indispensáveis para a descolonização do pensamento e construção de um olhar crítico. Toda a relação entre equipe e escola nos levou para um caminho que nos permitiu pensar na docência sob a ótica da pedagogia afro afetiva, rompendo barreiras que foram colocadas pelo sistema que insiste em manter suas práticas de desigualdades. Em nossas ações, mesmo diante das dificuldades que infelizmente costumamos encontrar no sistema público de ensino, conseguimos realizar as oficinas de maneira que os estudantes e toda a equipe construíssem novas perspectivas de mundo, foram semeadas doses de esperanças para que não deixemos de sonhar para além das cercas.

Figura 17 - Equipe pós-oficina



Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2024.

Análise comparativa

Os relatos pessoais trazidos são, para esta pesquisa, materiais que contribuem para que o projeto seja ainda mais conhecido através de outros olhares e vivências, uma delas está se formando em Letras Língua Portuguesa e a outra é graduanda em Letras e formada em Direito. Os dois primeiros textos, são de duas pessoas do projeto que integram as atividades desde a edição 2020, demonstra como envolvimento no projeto de extensão "Palavra-Corpo" proporciona uma experiência enriquecedora tanto para a trajetória de formação para futuros/as Professores/as quanto pessoal. As autoras expressam como as oficinas pedagógicas surtiram efeitos significativos para o ensino de literatura na escola pública Francisco Leocádio e para a formação dos/as estudantes extensionistas. A integração entre alunos do ensino superior e da escola de ensino médio promoveu uma colaboração mais estreita o que permitiu uma compreensão mais profunda do tema da violência contra a mulher, do racismo, da LGBTQIAP+fobia por meio dos textos literários, incentivando uma transformação pessoal e social. Nesse sentido, o projeto "Palavra-Corpo" desempenha um papel fundamental na democratização do acesso à literatura e na formação de agentes ativos na sociedade, enfatizando a importância de sua continuidade nas universidades federais brasileiras.

Os dois últimos relatos, são de duas pessoas que ingressaram no projeto na edição 2021 e vivenciaram todas as atividades construídas que relatei no meu trabalho. Uma delas está graduando em Letras Língua Portuguesa e a outra já está formada e é docente. É interessante pensar nos elementos que são trazidos nos dois textos, para a participante M.E., a jornada no projeto foi especialmente significativa, proporcionando um espaço seguro para explorar sua identidade como mulher negra e fortalecer sua autoestima por meio da literatura. A orientação e o apoio da Professora Franciane foram fundamentais para o sucesso das atividades, guiando cada passo do processo e garantindo o alcance dos objetivos propostos.

No relato de L.G, o Projeto Palavra-Corpo busca contribuir para a formação de cidadãos críticos, reflexivos, sob à luz das práticas antirracistas e decoloniais, promovendo a difusão de obras de mulheres negras fomentando discussões relevantes para a sociedade. As reuniões pedagógicas e as oficinas foram espaços de aprendizado e empoderamento, que deixaram uma marca duradoura na vida dos participantes e na comunidade escolar.

5. ESPERANÇAR RESULTANTES

Considero importante para esse momento de desfecho, relatar os impactos visíveis e invisíveis sobre mim, o principal objeto de observação da pesquisa, sobre os amigos e amigas da equipe do projeto, e sobretudo, sobre os/as estudantes da Escola Francisco Leocádio.

O projeto Palavra-Corpo, tem impactado a formação acadêmica dos/as graduandos/as, não apenas da graduação de Letras como nas diversas áreas das humanidades, ao permitir que nesse percurso seja possível desvendar o olhar crítico para as problemáticas que ainda existem nas grades curriculares dos cursos de licenciatura da Universidade e nas Escolas públicas. Com isso, o projeto tem sido o meu principal instrumento para conhecer profundamente os caminhos teóricos e metodológicos que interligam a Educação Emancipatória à Literatura de autoria negra brasileira às diversas realidades e problemáticas que estão postas na nossa sociedade, especialmente paraibana.

A partir da minha relação com o projeto, eu pude ter acesso às oportunidades que me permitiram construir, em coletividade, momentos de construção de saberes a partir de leituras, discussões e afins sobre o nosso papel enquanto educadores, que precisamos nos descolonizar cada vez mais para conseguirmos promover uma educação que não reproduza violências. Nessa trajetória, gozei do privilégio de poder compreender como a educação pode promover autonomia nas pessoas, pois, a partir dos nossos instrumentos foi possível ofertar um espaço novo, libertador de cuidador/respeitoso com os saberes/experiências de cada estudante da Escola Francisco Leocádio. Dessa forma, tive a oportunidade, enquanto Professor em formação, de aprender a lidar com o cuidado ao tratar das diversas problemáticas que rodeiam a vida de pessoas periféricas, e por ser um jovem negro e periférico, essas relações se tornam ainda mais impactantes pelos n fatores que nos constituem, e esse processo dialógico na relação com os/as estudantes foi fortalecedor e crucial para que hoje eu possa atuar na educação e, continuamente, me preparar frente às questões que atingem diretamente alunos e alunas oriundos/as de realidades afastadas de direitos básicos, onde a violência tanto é agressiva quanto sutil.

É importante elucidar que, os/as estudantes da escola Francisco Leocádio, sendo acompanhados/as pela Prof^a Cármen e Roni, tiveram acesso a forma de educação que permitiu-lhes observar a escola como um lugar de novas possibilidades, de socialização dos seus próprios saberes que antes eram menosprezados e, com a participação de cada

um(a) podemos construir saberes que alçam vôos, pois, cada estudante-participante ousou reconhecer suas potencialidades, enfrentar os medos que lhes foram impostos e, principalmente, sonhar com um futuro melhor para suas vidas. Tendo em vista que, em todo o processo de realização das oficinas, nós permitimos que as vozes-histórias de cada um(a) deles(as) ecoasse, que seus pensamentos e sentimentos fossem ouvidos e abraçados. É necessário frisar que, houve resistência por parte de alguns estudantes, particularmente os que são cristãos-evangélicos, tendo em vista que muitas Igrejas preferem negar os fatos problemáticos da sociedade ao invés de contribuírem para um modelo de sociedade mais justa e igualitária.

De certo, o Projeto Palavra-Corpo é revolucionário em suas ações, pois, nos permite concretizar em nós mesmos a utopia de uma Educação libertadora e emancipatória, para que possamos juntos/as/es construir uma nova experiência de sociedade, e esta árdua tarefa deve iniciar no âmbito de formação de Professores para que, conseguinte, o Ensino Básico seja totalmente envolvido em direção a uma educação que descolonize os saberes.

6. CIRCULARIDADES FINAIS

Com efeito, a edição 2021 do Projeto Palavra-Corpo corporificou o que até então era virtual, devido às questões de isolamento social em detrimento da pandemia, mas, também coloriu e potencializou as relações do projeto com os estudantes da escola parceira. A partir da minha relação dialética com a literatura negra brasileira, com as obras teóricas de autoria negra, com os Encontros Pedagógicos, e principalmente, com as oficinas, eu me encontrei imerso no processo de descolonização do meu próprio *ser*, enquanto homem negro e hétero, assim como Rufino (p. 5, 2021) nos ensina,

A descolonização é como um remédio que recupera sonhos, [...]. Prática cotidiana implicada com a diversidade e o caráter ecológico das existências. Capacidade de responder com vida a um sistema de mortandade. Atos guerreiros que honram e comungam das aspirações de liberdade e justiça, e combatem o esquecimento.

E nessa roda, assim como na capoeira, eu me submeti ao árduo aprendizado de ser um fio condutor para energizar os(as) jovens em um processo delicado, que equivale à rasgar-se, para que o outro perceba e se permita descobrir em si mesmo(a) as suas subjetividades, seus anseios, seus sonhos, suas qualidades, e a partir disso, construímos juntos/as/es novas possibilidades de relações. Percebo que uma educação que visa

reconstruir a sociedade em que vivemos é amplamente desafiadora, pelas tantas demandas presentes no dia-a-dia de cada escola, é preciso fincar os pés no chão e estar aberto para sentir o que os/as estudantes sentem, concomitantemente, é fundamental identificar como a minha prática pode servir de cura para as tantas feridas que irei encontrar nos educandos/educandas. Sobre isso, Hooks (2020, p. 93) nos afirma que “Histórias também nos ajudam a cicatrizar. [...] Na sala de aula, conectamos nossas histórias ao material indicado, usando-as para iluminar o trabalho. Trazer a inteligência emocional para a contação de histórias aumenta nossa consciência e percepção.”

Os(as) estudantes, participantes das oficinas, prontificaram-se a estar conosco dividindo suas histórias que se confundem entre pessoais e periféricas, logo então, vimos que a cada oficina diferentes estudantes se sentiam mais à vontade para expressar seus pensamentos, suas visões acerca da realidade, como se enxergam enquanto pessoas periféricas, negras, meninos e meninas. A cada semana, nos surpreendemos vendo que cada um deles(as) ficam impressionados como existe tanta leitura que falam sobre coisas da vida que se parecem com as suas realidades. Nós, enquanto equipe, despejamos as nossas questões subjetivas e objetivas na preparação de cada atividade para que pudéssemos transformar os contos literários um lugar de amparo, de resiliência, fortalecimento da consciência e instrumento de avanço e saída de uma realidade hostil e acrítica, bem como concordam as escritoras com quem trabalhamos nas oficinas - elas nos ensinam, em suas escrituras, que as nossas realidades enquanto pessoas minorizadas socialmente pela classe, pela raça, pelo gênero ou sexualidade, não sejam mais narrativas dos ditos “vencedores”. Sendo assim, uma educação verdadeiramente emancipatória, é desafiadora, ela nos convida a cada dia lutarmos para que sejamos ativos/as/es perante as problemáticas, porém, somos seres limitados e devemos respeitar esse fato. A resposta nunca deve ser individual quando se trata da educação pública, devemos fortalecer nossos laços, nossas bases, nossos amores e nossa fé. Em acordo, Paulo Freire nos diz:

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética. Ou também alentados por testemunhos de gratuita amorosidade à vida, que fortalecem, em nós, a necessária, mas às vezes combatida esperança. (Freire p. 54, 2000).

Dessa forma, que possamos juntos, juntas e juntos dominar nossas histórias, enquanto irmãos e irmãs que descendem das mazelas históricas e, nos ergamos perante as opressões que assolam aqueles, que mesmo sendo diferente de nós em algum aspecto, comungam de uma mesma classe - a dos explorados, imolados, oprimidos. Os estudantes da Escola Francisco Leocádio Coutinho em seu segundo ano de participação do Projeto Palavra-Corpo, manifestaram-se de forma corajosa nessa mesma linha em que os contos reverberam, sem medo de falar, contribuindo com posicionamentos para o andamento das oficinas preparadas e expondo os sonhos que almejam para suas vidas e de suas famílias. Sigamos lutando por uma educação pública de qualidade onde cada pessoa periférica possa compreender, desde cedo, as suas verdadeiras potencialidades, para que um dia o processo de colonização dos saberes seja derrotado pelos que, verdadeiramente, constroem e mantêm os saberes ancestrais das resistências vivas pelo Brasil adentro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Coleção Vozes da diáspora negra. Volume 5).
- CANDIDO, A.; YUNES, E.; PAULINO, G.; COSSON, R.; LAJOLO, M.; SOUZA, R. A. de; AGUIAR, V. T. (org.). *O direito à literatura*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.
- CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSTA, R. L. S.; DUTRA, D. F. *A lei 10639/2003 e o ensino de geografia: representação dos negros e África nos livros didáticos*. In: Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia, Porto Alegre, 2009. Anais. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(12\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(12).pdf). Acesso em: 23 jun. 2024.
- DOMINGUES, P. *Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 29, p. 164-176, 2005.
- EVARISTO, C. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.
- _____, Conceição. *Olhos d'água / Conceição Evaristo*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p. : il. ; 21 cm.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).
- _____, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- Gil, Antônio Carlos, 1946. *Como elaborar projetos de pesquisa*/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. – São Paulo : Atlas, 2002
- GOMES, N.L. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2005.
- _____, N.L. O Movimento Negro e a Intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: : COSTA, J. B.; TORRES, N. M; GROSGOUEL, R. *Descolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 223-246, 2020.
- HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- _____, B. *Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. Cadernos de pesquisa, p. 179-195, 2001.

PETIT, S. H. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral* Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n 2 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RIBEIRO, Luz. espanca. São Paulo: Quirino, 2017.

Rosa, Allan da. Pedagogia : autonomia e mocambagem / Allan da Rosa – São Paulo : Pólen, 2019.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: Educação e Descolonização*.Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, I. A. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus (2001): 97-114. A relação teoria e prática na educação em Freire ” – Volnei Fortuna REBES - Rev. Brasileira de Ensino Superior, 1(2). p. 64-72, out.-dez. 2015.

SOBRAL.Cristiane. O Tapete Voador. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

ANEXO A - SEQUÊNCIA DIDÁTICA

IDENTIFICAÇÃO	
ESCOLA FRANCISCO LEOCÁDIO RIBEIRO COUTINHO (Santa Rita/PB)	
Eixo temático:	Racismo estrutural e as múltiplas violências contra corpos negros
Público:	Estudantes do Ensino Médio
Tempo estimado:	2 aulas de 50 minutos cada (02h30-15h)
Modalidade:	Remota
Conteúdos abordados:	Preconceito racial; discriminação racial; contos literários de autoria negra e feminina; educação antirracista; protagonismo e consciência crítica.
Objetivo geral:	Ampliar o repertório de leitura literária negro-brasileira dos estudantes, discutindo sobre as violências contra os corpos negros e o preconceito racial, à luz da lei 10.639/03 e 11.645/08, que indicam o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil.
Objetivos específicos:	Desenvolver a capacidade dos(as) estudantes de refletir de maneira crítica a respeito da violência de gênero e antirracista; Propor discussão e reflexão sobre o preconceito racial, a partir de textos literários, dessa forma buscando valorizar e instigar a busca pelo pertencimento afro-brasileiro; Estimular a busca por leituras literárias de autoria negra e discutir os textos relacionando-os às inferências/vivências de cada estudante; Implementar ações que promovam a aquisição do conhecimento por meio da leitura, através de estratégias das

	quais os educandos atuarão como atores ativos e participantes da busca por novos saberes; Despertar no aluno protagonismo e consciência crítica.
--	---

METODOLOGIA

TÍTULO : FECUNDAR SONHOS E DESABROCHAR ESPERANÇAS

LEITURA DO CONTO BRINCADEIRA (MARIA RITA)

MEDIAÇÃO DO CONTO

Primeiro momento - Apresentação inicial das(os) ministrantes e das(os) participantes. Após isso, para dar início a aula, utilizaremos a metodologia sala de aula invertida propondo aos estudantes que seja feita a leitura e discussão do conto "Brincadeira", de Miriam Alves. Apresentaremos breves comentários sobre a autora do conto. Levantaremos questões de mobilização acerca do título "Brincadeira" do texto, tais como: "O que vocês entendem por brincadeira?", "Vocês gostavam muito de brincar ou gostam de brincar?". Finalizado esse momento de leitura, faremos algumas perguntas norteadoras, tais como:

- Quais sensações e sentimentos foram despertados durante a leitura?
- Qual/quais as temáticas abordadas no conto?
- Quais problemas/denúncias estão sendo abordadas no texto?
- Você consegue perceber alguma problemática sendo abordada no texto? Se sim, qual/quais? Comente.
- Você já viveu ou conhece alguém que passou por isso?
- O que você pensa da atitude dos meninos e de Joãozinho? Por que você acha que isso aconteceu/acontece?
- Como vocês se sentiram ao ler/ouvir a história?
- Quem são as personagens principais? Você se identificou com algum deles?
- Como era a relação entre Joãozinho (Zinho) e a família? E como era a relação dele com os colegas?

→ Por que os colegas de Joãozinho o chamavam de “Mussum”?

LEITURA DO CONTO PIXAIM

Mediação do conto

Após esse momento, alguém do grupo realizará a leitura performática do conto “Pixaim” de Cristiane Sobral. Em seguida realizaremos perguntas norteadoras, com o propósito de estimular a reflexão pessoal e a interpretação literária do conto “Pixaim”, que serão:

O que você sentiu com a leitura desse texto?

Quais os tipos de violência que estão sendo denunciadas neste conto?

Por que a personagem principal não é nomeada? Para você, qual a importância de ser chamada pelo nome?

Por que podemos considerar que alisar o cabelo de uma criança de 10 anos pode ser considerado uma violência?

- Por que a personagem protagonista do conto é considerada feia?

Vocês já foram chamados (a) de “feio”?

Assim como a personagem, você já precisou mudar o seu cabelo? O que esse processo significou pra você?

DINÂMICA

Primeiro momento - Apresentaremos a proposta da dinâmica que titulamos por estas interrogações norteadoras: **Como me vejo? Como me veem? Como eu gostaria de ser vista(o)?** . Para isso, solicitamos a participação de todos, formando um círculo no pátio da escola. A dinâmica funcionará quando um dos participantes do projeto, convida um dos discentes a ficar em pé no centro do círculo em frente a ele. Esse participante do projeto perguntará ao discente: defina com uma palavra: **Como as pessoas costumam a te ver?** Logo após o discente expressar sua resposta, o participante do projeto fará outra pergunta levantando o espelho: **E como você se vê?** defina em uma palavra. Depois de respondida em apenas uma palavra como o discente se auto reconhece. O participante do projeto, pedirá que o discente retire do seu bolso o seu documento RG (Todos terão, pois, conversamos com a nossa

colaboradora Carminha e ela se prontificou a solicitar que cada aluno traga o seu documento para a realização da dinâmica). Olhando para o seu RG ,no qual possuem seu nome completo, os dos seus pais, sua foto de perfil e principalmente a sua impressão digital, agora responda sem repetir a palavra que você se considera nas perguntas anteriores, reflita: **Como você gostaria de ser vista (o)?**” Utilizando o RG nossa intenção nesta última etapa da dinâmica é que eles se percebam e afirmem que querem ser vistos (a), expressando-se através das palavras: Único, especial ou insubstituível o que eles realmente são, únicos.

RECURSOS

Conto “Brincadeira”, de Miriam Alves.

Conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral.

Fotos das autoras.

Um espelho e uma caixa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.(Coleção Vozes da diáspora negra. Volume 5).

ALVES, Miriam. **Brincadeira**. In: Mulher Mat(r)iz. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

SOBRAL.Cristiane. **Pixaim**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

SOBRAL.Cristiane. **O Tapete Voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

VIEIRA, Andressa Santos. BRINCADEIRA: uma leitura sobre a violência e o racismo presentes na contística alveana da obra Mulher Mat(r)iz, de Miriam Alves. **Opiniões**, São Paulo, n. 18, p. 371-387, <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180098>.

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180098>. Acesso em: 11/11/2021.